

## Quinze álbuns em legado

«Cantigas de Maio» e «Venham Mais Cinco» são não apenas álbuns actuais como constituem referência fundamental na história da música portuguesa. São-no por aquilo que significaram quando da sua edição, são-no fundamentalmente pela sua espantosa modernidade. Nunca até hoje entre nós um compositor-intérprete foi tão longe quanto Zeca Afonso; nas suas propostas musicais, nos caminhos sugeridos.

Ele é o fundador da nossa modernidade musical. Os 15 álbuns que gravou — quase todos disponíveis no mercado — bem merecem uma audição atenta.

«Baladas e Canções» (1967), «Coimbra» (1968), «Contos Velhos Ramos Novos» (1969), «Traz Outro Amigo Também» (1970), «Cantigas de Maio» (1971), «Eu Vou Ser Como a Toupeira» (1972), «Venham Mais Cinco» (1973), «Coro dos Tribunais» (1974), «Com as Minhas Tamanquinhas» (1976), «Enquanto Há Porça» (1977), «Pura Fura» (1978/79), «Fados de Coimbra» (1981), «Como se Fora Seu Filho» (1983), «Ao Vivo no Coliseu» (1983), «Galinhas do Mato» (1985).

com ele se reuniam numa pequena casa do Bairro de Celas, onde acabou os seus dias minado por uma doença fatal. Seguiu-se um período de promoção fadista em que acabaram por me colocar no palanque das estrelas de primeira grandeza. Outros acompanhadores (peritos e sisudos) e outras oportunidades em viagens promovidas pela Tuna e pelo Orfeon. São dessa época as minhas idas a África e as tournées através da província. Recordo-me de ter participado na inauguração de uma automaca para os Bombeiros Voluntários de Pádua e de, por diversas vezes, ter dormido ao relento nos 'pinhais do rei'.

«Nestas andanças percorri as estradas do País esticando o polegar a quem passava sobre rodas, ou, mais afortunadamente, pagando com fados e canções a hospitalidade dos que me recebiam em suas casas: pobres, ricos e fidalgos arruinados.»

Assim descrevia José Afonso, em 1969, o seu início de carreira. Apesar de «colocado

no palanque das estrelas de primeira grandeza», o dr. José Afonso, como então se lia nas capas dos primeiros «singles» («Balada de Coimbra», de 1958, foi o primeiro) não se comoveu com a reverência, não se entregou aos simpáticos prazeres de ser vedeta, antes deu início a um movimento musical que marcou uma viragem na música portuguesa, o da *balada*.

«Designei as minhas primeiras canções por baladas, não porque soubesse exactamente o significado deste termo, mas para as distinguir do fado de Coimbra, que comecei por cantar e que, quanto a mim, atingira uma fase de saturação. Achava-o muito sebentarrizado, como uma lição que se recita de cor, pouco amplo nos termos e nos propósitos, um condimento mais na panóplia turística coimbrê. Daí a «Balada do Outono», nome que o dr. Menano deu à minha primeira musiqueta. Depois o termo pegou e entrou na gíria corrente.»

### «Definir um novo gosto»

Este o propósito inicial do movimento. A balada não vinha romper com a tradição, antes a retomava dando-lhe nova vida e actualidade: «Para definirmos correctamente a 'balada', teríamos de citar as autoridades que se debruçaram sobre as origens dos cantores vagabundos, plebeus e aristocratas, populares e estudantes, laicos e clérigos que na Idade Média interpretavam, de uma forma que tornava possível, na pessoa do trovador, a fusão do canto com o poema, ou temas do seu tempo e as preocupações da sua classe.»

Cantor plebeu, «nascido» nas vielas de Coimbra, Zeca Afonso começou a cantar o seu tempo...

E nesse tempo era bem difícil exercer o direito de falar e cantar.

Em breve, à balada foi associada uma nova expressão: «a canção de protesto».

«Se a canção de protesto pretende, directa e concretamente, atingir uma dada estrutura

político-social num dado momento histórico, com referência a factos, indivíduos e lugares, então eu não sou um cantor de protesto», explicou em 1970 ao «Comércio do Funchal». «De resto, as minhas canções são predominantemente líricas. Mas elas pretendem opor-se (quer as líricas quer as intencionais), a padrões de vida, gostos e predilecções vigentes entre nós. São a minha contrapartida, a minha *revanche*. Chamemos-lhe canções de réplica. Reproduzem um meio, mas colaboram (ou procuram colaborar) na sua reconstituição. Se neste sentido eu próprio as não considerasse uma forma de protesto, não me sentiria justificado como cantor, pela simples razão de não me sentir justificado como homem.»

Difícil é hoje explicar, a quem só conheceu a democracia, o que eram esses tempos e qual a força e o significado, então, das canções de Zeca Afonso: símbolo de resistência, emblema de coragem, rapidamente ele se transformou num mito.

#### Um mito por medida

«Não me interessa que me considerem um músico ou uma vedeta. Pelo contrário, estou empenhado em que se desfça a impressão de que me tornei uma coisa que deve colocar-se numa rodoma. Uma vez que me acusam de ter sido injustamente mitificado, quero apenas afirmar que sou uma pessoa comum. — Isto era dito em 1970, à «Capital», mas na mesma data, em diferente entrevista, Zeca Afonso ia mais longe: «Evidentemente, todos somos uma coisa para nós e outra para aqueles que a nosso respeito constroem uma imagem à medida das suas aspirações. Até que ponto me comporço de acordo com essa ou essas imagens, não sei. Digam-me primeiro em que consiste o mito e em que medida o meu tamanho real se contrapõe ao tamanho fictício!»

«Perguntam-me por qual das vias me inclino. Considero prejudicial qualquer forma de mitificação. Consentir numa duplicidade duvidosa à custa de uma permanente representação de si mesmo, é iludir-se e iludir a boa-fé dos amigos... e dos inimigos.»

Recusando o mito, tal como recusou ser considerado músico ou cantor, ele tomou o canto por instrumento, a via de andarilho por missão: «As canções surgiram como outras tantas vicissitudes e só muito recentemente, em parte impulsionado por essa faceta mítica já referida, lhes atribuí alguma importância no conjunto das minhas acções. A criação não me resolve qualquer problema pessoal, nem me define perante mim mesmo. Necessito da presença dos que me escutam para adquirir a convicção de que cantar tem algum préstimo e serve para alguma coisa.» («Comércio do Funchal» — 1970).

«Eu nunca teria sido um cantor político se de facto as pessoas não exigissem de mim um comportamento determinado, criando situações em que eu era obrigado a comportar-me como cantor político. Não sou mais importante que essas situações. Quando eu andava por aí, exigia-se uma coerência muito grande aos cantores.» («Sete» — 1981).

#### Homem vigiado

A Zeca exigia-se tudo: a coerência, a abnegação, o despojamento, o exemplo, queriam-no à imagem de um santo sem falhas ou erros. É disso belo exemplo a polémica que, em 1972, se gerou em torno da sua participação no VII Festival Internacional da Canção Popular do Rio de Janeiro:

Por votação dos leitores do *Diário de Lisboa*, o cantor foi eleito para representar Portugal no festival. Das conveniências ou inconveniências da viagem, das suas implicações políticas, desde logo se falou. Partiu o cantor desejoso de conhecer o Brasil, onde nunca tinha estado. Tanto bastou para ser acusado de incoerente, e para nos jornais ser sumariamente julgado.

Incómodo para a esclerosada direita apoiante do regime, que o censurou, perseguiu e expulsou do ensino, Zeca Afonso nem sempre foi compreendido pela esquerda: disse mesmo nos falou em entrevista concedida em 1984:

«A LUAR foi o único sítio onde, de alguma forma, me pude enquadrar. O PCP acusava-me de esquerdista, e outros chamavam-me revisionista...»

Rebelde, indisciplinado, incapaz de se submeter às bem pensantes cabeças de qual quer partido, mas sempre atento à sua própria consciência, José Afonso foi, tal como escla-receu um dia, um franco-atirador: «Mais do que cantar, dediquei-me a fazer agitação como franco-atirador. O desejo de coerência política, associado a um complexo pequeno burguês, levaram-me a uma militância permanente e a negar a minha profissão de cantor, a minha figura popular, e por aí fora. Nós não devíamos apagar fogueiras — pensava eu — mas atear chamas.»

#### Sancho Pança

«As canções de Zeca Afonso são inseparáveis da sua pessoa», escreveram dois jornalistas alemães na introdução de um livro dedicado ao cantor.

Nada mais certo, mas atenção: Zeca não se via como um qualquer D. Quixote de La Mancha, antes preferia Sancho Pança. Esteve em quase todas as litras de uma geração — e os seus adversários raramente foram moitinhos de vento.

Nossas circunstâncias, noutro tempo, possivelmente nunca teria subido a um palco, por nada trocaria a calma de um passeio à beira-mar, um mergulho ao fim da tarde na ilha da Fuzeta.

Não sei o que ele pensou quando, naquele mês de Novembro, em Paris, se viu tratado nos jornais como grande figura, tal qual um monumento. Só sei que, no espectáculo dessa noite, fez questão em reparar: «A imprensa no vosso país não fala da África Austral, é cúmplice do apartheid.» De facto, queria atear chamas.

N.º 746 28 DE FEVEREIRO DE 1987  
PREÇO: 100\$00

# Expresso

DIRECTOR: JOSÉ ANTÓNIO SARAIVA

DIRECTOR-ADJUNTO: VICENTE JORGE SILVA

EL-DIRECTOR: JORGE WEMANS



José Afonso no dia do funeral: o cantor parece sorrir (ver Editorial, notícia na últ. pág. e artigo na pág. 35-R)

## Soares propõe pensão para família de José Afonso

O PRESIDENTE da República vai propor ao Governo que a viúva do cantor José Afonso venha a receber uma pensão vitalícia. Recorde-se que em 1983, quando era primeiro-ministro, Soares já propusera uma forma de auxílio que acabaria por não se concretizar.

O EXPRESSO soube ontem, junto da Secretaria de Estado da Cultura, que o autor de «Grândola Vila Morena» passou posteriormente a receber uma pensão de «carência extrema» da Direcção de Acção Cultural, cuja última contribuição finda precisamente hoje. (A SEC adiantou que a eventual atribuição de uma pensão à família vai ser imediatamente considerada).

Foi Lucas Pires quem, em 1981, na qualidade de ministro da Cultura, acordou com o Ministério dos Assuntos Sociais a criação da «Segurança Social dos Artistas» — com carácter «muito discreto» e apenas agora revelado ao EXPRESSO — que desde logo abrangeu cerca de 30 personalidades do universo cultural e artístico português, cada qual recebendo, geralmente em apoio à velhice, entre 25 e 40 contos mensais.





## A morte de um Amigo

*A*sa da morte cobriu esta semana o poeta e cantor José Afonso e levou-o do convívio de quantos o amam e, nos últimos anos, com ele sofreram a angústia de saber que o fim estava apenas adiado. Perante o desaparecimento do homem que nos habituámos a associar intimamente à data libertadora de 25 de Abril, mil vezes cantada nos versos da sua «Grândola, Vila Morena», foi praticamente unânime o pesar: afora as exceções do costume — que, aliás, preferiram calar-se, porque afrontar a memória deste homem seria demasiado chocante —, nenhum órgão de comunicação social, sem distinção de ideologias, deixou de assinalar o significado de uma vida sacrificada a um ideal que para muitos se confundia com a utopia.

*C*alada a voz que, em tempos difíceis, se ergueu contra os vampiros, nem por isso, nestes dias em que a democracia é, felizmente, uma palavra do quotidiano, ela faz menos falta, ao menos para soltar o ariso de que todos carecemos, para não esquecer que poder votar, de tempos a tempos, é importante — mas não basta. Não fora a doença e, agora, a morte, o poeta estaria atento às mazelas do nosso tempo, para as estigmatizar em canções mais eficazes do que muitos discursos.

*P*odemos imaginar, por exemplo, o que seria a sua justa cólera perante uma sociedade que, apenas

menos de treze anos decorridos sobre Abril, permite que uns tantos novos vampiros suguem o produto do trabalho de crianças. Não é também difícil pressentir o desespero que nele cresceria por ser vizinho de tantos homens e mulheres que trabalham sem receber salário. Todos somos, decerto, solidários, nesse inconformismo. O que nos falta é o talento para, como ele faria, poder exprimir em versos e música a dor de miúdos de onze ou doze anos que trabalham nove horas por dia e ganham oito contos por mês, ou a revolta irreprimível de quantos transportam no corpo e na alma a inacreditável chaga dos salários em atraso.

*O*canto do poeta não curava nenhuma dessas terríveis mazelas da sociedade portuguesa contemporânea, mas na sua voz clara soltar-se-ia o alerta, esse avistar a malta que só a morte foi capaz de calar. Militante de muitas causas que ele próprio talvez soubesse perdidas, pelo menos a curto prazo, José Afonso não perdeu, contudo, a grande e mais decisiva de todas as batalhas: a da dignidade. Morreu pobre o trovador, mas na memória do seu canto divisa-se a riqueza de um desprendimento dos bens materiais de que só os grandes homens são capazes, mesmo quando a fortuna lhes sorri. Por isso, Portugal ficou mais pobre. Por isso ficaram mais sozinhos quantos, à esquerda ou à direita — que importa isso? — perderam um Amigo, ainda que o não soubessem.

# Zeca



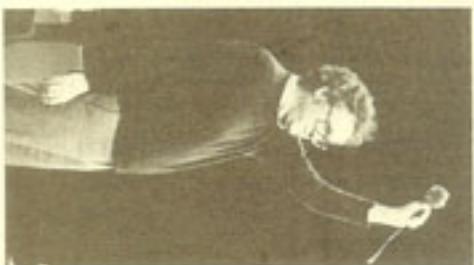
«Meira um homem, Fi-  
que a fama.»  
(Z do Zébaldo)

**F**ra um senhor. Des-  
prendido e simplet.  
Arrogante e firme. Um  
arriocretia. De uma espécie em  
vias de extinção: um homem  
livre.

Quis um pauz venenho a  
cobri-lhe o calado, porque era  
fiel, como os *peritauz* do por-  
ma de Aragon —, mas sem  
insalgia, porque, se ele servia  
de fondeira a muita gente, a

multos grupos e partidos, a  
quem espreitava a voz, a boca  
e a vida, não pertencia a mi-  
gum. Era de uma espécie em  
vias de extinção: um homem  
livre, solitário e fraterno.

E ademais um poeta. Um  
grande poeta lirico. — da fan-  
ta de Nobre e Camões. Um  
cantor —, como Dylan e Ferré.  
Tão grande ou maior do que  
eles todos, como pretendia Pa-  
co Ibañez? Talvez, mesmo se  
uma doença traidora e a má  
sorte de nascer em Portugal,  
que ele tanto e tão been amou,  
lhe fecharam tão cedo os hori-



António Pedro Vasconcelos

zontis.

Berlioz fez adoptar a «Mar-  
selhesa» pelo povo de Paris, nos  
dias eufóricos de Julho; ele  
acompa a «Grândola» em co-  
muna clandestina com o po-  
vo, que a iria adoptar nos dias  
memoráveis de Abril. E ela, e  
não a «Portuguesa», o nosso He-  
no Nacional.

Dizem que teve dividas, be-  
siópodes, desalento. Era o si-  
nal da grandeza. Mas não ba-  
ralhava os inimigos: a miséria e  
o medo, a mentira e o abuso.

Nestes tempos de promiscui-  
dade e metástia curta, em que  
uma espécie de SIDA moral co-  
meça a coarctar tudo e to-  
do, ele disse sempre de que la-  
do estava, sem ambiguidades.  
Era um homem de esquerda,  
irredutível, irconciliável. Um  
exemplo.

por JORGE SERRAO

# Não posso parar!

■ Não posso parar!  
(*Distância padroniza de José Afonso*)

■ «Hi, bismões, como o José Afonso, que viveziam tanto País e todos nós que a gente só tem palavras comuns para o chorar. Dê, Garibaldi. E não, ainda mais que a dor, a grande, por ter sido uma voz única na nossa cultura e na liberdade.»

(*José Cardoso Pires*)  
■ «Uma tremida sanidade de nós.»  
(*Errórron Fernandes*)

■ «O Zeca merecia mais da vida!»  
(*João Vitor*)

■ «Não me arrependo de nada do que fiz. Mas: foi aquilo que fiz.»  
(*José Afonso*)

■ «Acho que, acima de tudo, é preciso agitar, não ficar parado, ter coragem, quer se trate de música ou de política. E nós, neste País, somos tão pouco conhecidos que, qualquer dia, estas coisas mudaram a condição de hominização e civilização delas. Então é que ser gente, pd.»  
(*Idéoni*)



■ «Eu não cesso na realidade do que a gente pensa.»  
(*Idéoni*)



■ «Ele era os olhos do País.»  
(*Luís do Carmo*)

■ «O Zeca está sempre um sítio bofo do crânio a hipocrisia.»  
(*Rui Pires*)

■ «A direita ao fundo das coisas.»  
(*Alfonso Sastre*)

■ «Temo e agressivo, sarcástico e sensual, cantor de raças populares e de Eduardo Bentes, esport, creder de um trabalho recentemente personalizado mas sempre aberto à criação coletiva, estrutural, técnico, analítico dos grandes espaços, impetuoso quanto controlado com a disciplina, humilde, preciso, combativo e tímido, mas nunca secedido...»  
(*José Aquino Diniz*)

■ «O grande, o mole, o múltiplo, o doce, o nobre, o despojado, o radical da revolta e da bonança.»  
(*Vitor Mourão*)

■ «Uma humilde, que chega a dor de tão sincera, de tão autêntica.»  
(*José Jorge Letria*)

■ «O mais ininterruptível, o mais sincero e, às vezes, o mais impetuoso de todos os artistas.»  
(*Rui Pires*)



■ «Zeca Afonso foi um dos grandes criadores deste século.»  
(*Fernando Azeiteiro Pacheco*)

■ «Zeca é um génio da música popular.»  
(*José Mário Branco*)

■ «Uma figura universal.»  
(*Carlos Pereira*)

■ «Ele, para mim, foi o exemplo máximo.»  
(*Diamantino*)



■ «Verticalidade, coerência e entrega total.»  
(*Vasco Lourenço*)



■ «O Zeca era o nosso único génio.»  
(*Sérgio Godinho*)



■ «A óbvia capacidade de resistir...»  
(*Correia da Fonseca*)

■ «O Estado — que, apesar de demoradinho, insiste em não ser uma pessoa de bem — ignorou a sorte de José Afonso, nos últimos e difíceis anos da sua vida.»  
(*Claudio Monteiro*)

■ «Repentinamente, perante o vazio da tua morte, todos descobrem que, afinal, existes.»  
(*José A. Sanches*)



Na Televisão da Catalunha

# Obra de Zeca Afonso é tema de programa

A notícia ideal seria estar a música e a obra de José Afonso são os temas do programa que umas equipas da Televisão está a preparar. Mas ao repetir compete simplesmente dar notícias, métodos ou plenas, mesmo quando, apesar de boas, não são as que todos desejariam. E, então, torna-se necessário acrescentar que a equipa em causa não pertence à RTP mas sim à TV3 da Catalunha que, para o efeito, se deslocou esta semana a Portugal. Ou seja: uma vez mais, o exemplo vem de fora.

O realizador Xavier Marich e o compositor Francisco Pi de la Sierra são os responsáveis pelas filmagens que, desde o último fim-de-semana, estão a decorrer entre nós com o objectivo de «dar a conhecer a música e a sua obra» e «mostrar a importância actual

de homens como José Afonso», conforme declarou ao «Sete» a produtora responsável, Montca Boada. A equipa, que integra ainda os técnicos Quique Canitx e Jordi Bonet — e que conta, em Lisboa, com a colaboração polivalente do notório cantante de profissão, Manolo Bello —, entrevistou, em Aveiro, o autor de «Grândola, Vila Morena» e recebeu depoimentos de Cécilia Pereira, Luís Cilla, Fausto, Manuel da Fonseca e antigos elementos do MFA. Recorreu, igualmente, a

Canitx», da autoria de Pedro Sol, que a TV 3 Catalã está a dedicar a alguns dos músicos de intervenção mais marcantes da nossa época, desde Léo Ferré a Chico Buarque e Caetano Veloso, passando por Silvio Rodriguez, Pablo Milanés, e Daniel, Pablo Milner, e outros, e começa a ser apresentada, na Catalunha, em princípios do próximo ano.

«Muita do que entrevistas, pretendemos apresentar connosco informação com colegas autores de todo o mundo que, em nossa opinião, sejam protótipos de características imperecíveis», disse Francisco Pi de la Sierra que, nas várias reportagens, assume a condução dos diálogos. «A realização deste programa sobre o Zeca deixava-nos bastante emocionados porque estamos conscientes do esforço que, para ele,

representa fazer isto mas, numa série como esta, ele não poderia nunca faltar. Não tenho dúvidas de que o programa dedicado ao Zeca Afonso será diferente dos outros, até pela sua situação física actual, mas isso não impedia que a sua importância e, principalmente, o carinho com que o fazemos, sejam igualmente grandes.»



Zeca Afonso, em Aveiro, entrevistado por Pi de la Sierra para «O Vício de Canitx».

Os reportagens do «Sete» que acompanham uma boa parte do trabalho dos profissionais catalães, podem confirmar as afirmações de Pi. E, já que a RTP não deu, até agora, indícios de pretender realizar um programa com estas características, que tal se alguém responsável, na 5 de Outubro, pela aquisição de produções musicais estrangeiras — de qualquer natureza exceto as — aproveitasse esta oportunidade para, finalmente, nos dar a conhecer um pouco melhor o Zeca? Mesmo com legendas em castelhano, que a gente não se importa...

Viriato Teles (texto)  
Pedro Mendes (fotos)